

O caso Pró-técnico: uma análise diferenciada dessa preparação como mais uma alternativa formativa que vem se inserindo singularmente no escopo educacional brasileiro

The Pro-technical case: a differentiated analysis of this preparation as another formative alternative that has been inserting singularly in the Brazilian educational scope

Marco Aurélio Nicolato Peixoto

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais
marco.peixoto@ifmg.edu.br

Resumo

Ampliam-se ofertas de cursos preparatórios para a seleção do ensino médio das escolas técnicas federais e poucas pesquisas dão conta da especificidade desse fenômeno, tarefa que este artigo se propõe a empreender. A metodologia contou com questionários, entrevistas e observação participante, aplicados a 200 estudantes. Os resultados indicam que, além de aprovação de 34% no processo seletivo, houve reconhecimento do curso no processo formativo dos estudantes (89%) e melhoria no rendimento do 9º ano da escola regular (82%). Entretanto, indicativos de cansaço sugerem modificações na organização do tempo escolar. Os resultados levam a conclusão de que o curso (Pró-técnico) pode ter subtraído vagas dos cursinhos particulares, dando mais chances de aprovação a alunos de maior carência social e que estratégias educativas devem ser implementadas envolvendo outros profissionais da educação, a fim de aproximar as atividades da escola regular das atividades do curso preparatório e tornar esse período mais um momento importante na formação estudantil.

Palavras-chave: Pró-técnico. Curso popular. Exame seletivo. Escola técnica federal. Curso preparatório.

Abstract

Offers of preparatory courses for the selection of the high school of the federal technical schools are expanded, and few researches give an account of the specificity of this phenomenon, a task that this article proposes to work. The methodology included questionnaires, interviews and participant observation, applied to 200 students. The results indicate that in addition to a 34% approval in the selection process, there was recognition of the course in the students' training process (89%) and improvement in the 9th grade regular school performance (82%). However, indicative of fatigue suggests changes in the organization of school time. It is concluded that the course (Pro-technical) may have subtracted vacancies from private courses, giving more chances of approval to students of greater social need and that educational strategies should be implemented involving other education

professionals, in order to bring the activities of the School of the preparatory course activities and make this period another important moment in student training.

Key words: Pro-technical. Popular course. Selective exam. Federal technical school. Preparatory course.

Introdução

A seleção para o ingresso no ensino técnico em escolas federais vem ocorrendo, segundo Coutinho e Melo (2010), desde 1909, e corresponde ao tipo de processo seletivo, dentre os existentes, mais tradicional e de maior exclusão social. No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), o curso Pró-técnico existe desde 1974 e, em 1995, a instituição decide que o Pró-técnico

seria acessível, exclusivamente, a estudantes matriculados na 8ª série de escolas públicas, aos quais passaram a se destinar 50% das vagas dos cursos técnicos, mediante classificação no Pró-Técnico. Esse sistema de garantia de 50% das vagas dos cursos técnicos a alunos oriundos de escolas públicas vigora até o presente no IFE-RN (COUTINHO; MELO, 2010, p. 6).

No entanto, apesar de se tratar de uma iniciativa não muito recente, muitos Institutos Federais têm oferecido cursos preparatórios para o seu processo seletivo de ingresso no Ensino Médio sem uma pesquisa efetiva acerca da necessidade ou da eficácia desses cursos. Algumas pesquisas realizadas possuem um enfoque investigativo mais relacionado à assistência social e ao processo seletivo em si, ou, mesmo analisando as próprias ações afirmativas, sem um exame amíúde do próprio curso quanto a suas peculiaridades e dos estudantes, enquanto discentes do curso preparatório.

Essa condição valoriza uma pesquisa mais efetiva acerca dessa notável ação institucional e valoriza/justifica a realização deste trabalho, considerando ainda um contexto em que

a então ETFRN, que antes era destinada aos filhos da classe trabalhadora, também começou a atrair os filhos da classe média alta, tanto que, como parte das ações também de assistência social, houve o Pró-técnico, em 1987, posteriormente mudando para PROCEFETRN, que eram cursinhos voltados aos filhos da classe trabalhadora. A escola também começou a destinar um sistema de cotas para atender o seu público original que começou a ser excluído com a atração dos filhos da classe média alta. Visto que a escola já praticava o ensino médio integrado, dentro da visão da relação existente entre trabalho e educação, com a formação humana integral, ela também se tornou uma escola de altíssimo êxito para aqueles alunos que desejavam continuar a sua formação, porém agora na universidade (FERREIRA; SANTOS, 2016, p. 6-7).

Outro *campus* do IFMG, ao realizar o seu curso preparatório, deu enfoque na relação entre o comportamento/satisfação institucional e o desempenho em matemática especificamente, mas não analisou a efetividade do curso em si. Em relação ao curso em si Vilela e Rossi (2016) observaram que o curso

[...] promoveu maior integração com o ambiente institucional e suas atividades cotidianas. Isso ocorreu mediante a utilização de ambientes do Instituto e contato com os alunos e professores da instituição (professores orientadores de cada área e também com os coordenadores dos três cursos de Ensino Médio Integrado) (VILELA; ROSSI, 2016, p. 5).

Efeitos benéficos da vinculação formal de um cursinho a uma instituição pública foram também percebidos por Soares et al. (2007), na medida em que a maior inserção dos alunos atendidos nesse espaço contribuiu para a diminuição da ansiedade acerca do vestibular e o resgate da autoestima dos alunos.

Pode-se perceber que mesmo os professores que dão aulas no curso Preparatório para o Ensino Médio têm uma concepção deste curso como se fosse um Pré-vestibular e não avaliam efetivamente as atividades propostas no Pró-técnico de maneira destacada, tendo em vista que são atendidos neste curso preparatório estudantes bem mais jovens do que os que se submetem ao processo do vestibular. Isto porque

no Brasil, o fenômeno “vestibulares” é um dos mais importantes rituais de passagem que marca o fim da adolescência e introduz parte da juventude nos espaços privilegiados da universidade. Representações sociais importantes envolvem esse fenômeno – ou porque se tem certeza que o jovem vai passar por ele (classes privilegiadas) ou porque se aspira fortemente alcançá-lo (classes exploradas) – o que nem sempre é possível. Mas o vestibular, enquanto instituição, impulsiona e participa de um vigoroso complexo cultural no qual se entrelaçam imagens sobre as melhores escolas, desvalorização da escola pública, orientação profissional e os famosos cursinhos preparatórios que foram até há pouco tempo atrás, altamente elitizados e elitizantes, não só pelos preços das mensalidades, como também pela presença de professores carismáticos, capazes de ministrar aulas-show, utilizando, por exemplo, o rap ou o hip hop para memorização das leis da Física-Química. A partir do ano 2000, um dado novo se apresenta. Com a avalanche de prefeituras conquistadas por partidos mais à esquerda no espectro político, ampliou-se uma Política Pública que já existia em algumas capitais. Paralelamente àquele complexo cultural, sem integrá-lo, mas tangenciando-o, alastraram-se os cursinhos comunitários – nas periferias ou para as periferias, alguns com professores voluntários, outros com estudantes lecionando em troca de bolsas ou pagamentos simbólicos, preocupados em ajudar os jovens das camadas vulneráveis a superar as barreiras que o sistema escolar lhes opõe (WHITAKER; ONOFRE, 2006, p. 46-47).

O trabalho realizado procura analisar os fatores que envolvem este tipo de curso, a efetiva aprovação dos estudantes e se há um acréscimo real na formação dos estudantes ou se a iniciativa se caracteriza mais como uma atividade que comprime o tempo escolar e impacta o rendimento na escola.

Ao se pesquisarem bibliografias que pudessem enriquecer a análise em questão, percebeu-se que existem alguns artigos relativos a cursinhos pré-vestibulares e cursos preparatórios para residências médicas, mas nenhum foi encontrado que analisasse o curso de preparação para o ensino médio técnico voltado para estudantes de escolas públicas, cujo tratamento estivesse mais focado nos adolescentes que estão tendo contanto com estes desafios pela primeira vez na vida, ou no próprio funcionamento do curso em si. O processo seletivo se sobressai

nas análises dos cursos preparatórios, de tal forma que a operação do curso não é o objeto da análise das pesquisas empreendidas.

Um dos trabalhos que se destaca é o de Whitaker (2010) que, tratando de cursinhos pré-vestibulares, critica diretamente a questão dos cursinhos como um todo no escopo de ações alternativas. Inicialmente ela critica o modelo no qual os “cursinhos” se estabelecem, e compartilho da visão, de que se “[...] usa e cria práticas e metodologias de ensino as mais antipedagógicas possíveis, ligadas a memorização pura e simples, como a aula show e a repetição de fórmulas químicas em ritmos populares, sem tempo para debates e reflexões, críticas [...]” (WHITAKER, 2010, p. 290). Tais cursos, consoante Whitaker (2010), não têm grandes preocupações com as descobertas no campo da aprendizagem, nem estão ligados aos estudos da educação e suas epistemologias. No entanto, metodologias à parte, ela entende que, como política pública afirmativa, pode ajudar a superar a barreira das estratificações de classes. Segundo a autora, em análise da movimentação dos dados da VUNESP, percebeu-se que os estudantes perfaziam uma média de dois anos para ingresso nos cursos de graduação e que estes cursos passaram a se constituir em “[...] nichos atrativos para a efetivação de capitais em busca de expansão e lucros” (WHITAKER, 2010, p. 293). Assim sendo, tem-se que os cursinhos populares, se não correspondem a uma metodologia ideal, pelo menos tornam a situação mais igualitária e acessível a todas as classes sociais. Whitaker (2010) afirma, ainda, que os cursinhos populares surgiram na década de 90 em meio a um alvoroço democratizante causado pela chegada de partidos de esquerda ao poder e pelo idealismo de ONG’s; mas, desde a década de 70, diretórios acadêmicos das universidades vinham criando cursinhos de baixo custo, onde lecionavam os próprios alunos da graduação, o que seria o “embrião” dos cursinhos populares.

Reflexões sobre o curso Pró-técnico oferecido em escolas técnicas federais demandavam, pois, uma pesquisa mais direcionada para se perceber a sua eficácia e as nuances peculiares que o integram. Nesse sentido, o objetivo geral da presente pesquisa foi investigar as implicações relativas ao curso Pró-técnico em uma escola federal de educação. Para isso, optou-se pela metodologia que será descrita no tópico seguinte.

Metodologia

Foi criado para este trabalho um percurso metodológico de pesquisa mista, que se “desenvolve em resposta a necessidade de esclarecer o objetivo de reunir dados quantitativos e qualitativos em um único estudo” (CRESWELL, 2007, p. 106). Para isso, foi utilizada a estratégia de triangulação concomitante, que pode ser usada quando “o pesquisador usa dois métodos diferentes na tentativa de confirmar, fazer validação cruzada ou corroborar resultados dentro de um único estudo” (CRESWELL, 2007, p. 219).

Nesse modelo, geralmente, usam-se “métodos quantitativos e qualitativos separadamente como forma de compensar os pontos fracos inerentes a um método com os pontos fortes de outro método” (CRESWELL, 2007, p. 219), considerando ainda que “a interpretação pode assinalar a convergência dos resultados como uma

forma de fortalecer as alegações de conhecimento do estudo ou explicar qualquer falta de convergência que possa ocorrer” (CRESWELL, 2007, p. 219). Há de se destacar, ainda, que, no modelo quantitativo, é ressaltada a relevância do aspecto objetivo, a preocupação com a precisão da amostra, o rigoroso tratamento estatístico dos dados. Em contrapartida, no modelo qualitativo maior destaque é dado ao aspecto subjetivo, no intento de se chegar à profunda compreensão de certos fenômenos sociais. Mesmo porque

existem múltiplas realidades como existem múltiplas formas de viver e dar sentido à vida desde as peculiaridades espaciais e temporais que rodeiam a vida de cada indivíduo e cada grupo. Enfim, existem tantas realidades como versões da realidade, quanto representações subjetivas que se elaboram sobre as múltiplas formas de viver (SACRISTÁN; GÓMEZ, 1998, p. 59).

Portanto, os dois modelos, segundo os pesquisadores, além de técnicas que lhes são próprias, encerram um paradigma considerado diverso em sua concepção original, mas que podem se complementar. Um se caracteriza pela adoção de uma estratégia de pesquisa baseada nas ciências naturais e nas observações empíricas para explicar fatos e fazer previsões. O outro, por sua vez, advoga uma lógica própria para o estudo dos fenômenos humanos e sociais, procurando significações dos fatos no contexto concreto em que ocorrem.

Mediante este entendimento, foi elaborado e utilizado na pesquisa como um dos procedimentos investigativos, um questionário estruturado com uma questão aberta mais ampla e questões fechadas. A aplicação dessa técnica de pesquisa e a análise dos dados contidos nas respostas dos questionários poderiam fornecer as pistas que indicassem considerações significativas acerca da veracidade e dos meandros que, por ventura, pudessem importar à compreensão da problemática proposta. A pesquisa se desenvolveria, portanto, mediante um tripé, ou seja, a utilização de questionários, de entrevistas e de observação participante.

Foi idealizado, portanto, um planejamento considerando que a arquitetura da pesquisa se configura em um desafio, sob a perspectiva de Sánchez (2007), para se encontrar um método capaz de “articular fatores qualitativos e quantitativos, subjetivos e objetivos” e que “dependem da construção lógica que o pesquisador elabora e de condições materiais, sociais e históricas que propiciam ou permitem o trabalho de pesquisa” (SÁNCHEZ, 2007, p. 100).

A referida pesquisa obedeceu a três momentos distintos chamados de 1º momento (antes), 2º momento (durante) e 3º momento (depois). O 1º momento (antes) foi realizado no sentido de investigar o período que antecedeu a inauguração do curso preparatório para o ingresso no ensino médio de uma escola da rede federal e contou com entrevistas com a coordenadora geral do projeto Pró-técnico e com o Diretor Geral do *campus* em que se iniciaria o curso. Optou-se pela técnica de entrevista para este momento, tendo em vista que ela confere uma oportunidade de se “apreender o significado que os sujeitos (ser humano e não um organismo que responde a um estímulo externo) dão aos elementos do contexto em que participam” (GÓMEZ; FLORES; GIMÉNEZ, 1996, p. 170-171), ao mesmo tempo em que se busca uma “interação entre pessoas que vão gerar uma comunicação de significados” (GÓMEZ; FLORES; GIMÉNEZ, 1996, p. 183). Escolheu-se para este trabalho a entrevista não estruturada por ser aquela em que “o entrevistador busca obter informações, dados e opiniões por meio de uma conversação livre [...]”

(MARTINS, 2008, p. 27), tendo em vista a proximidade do entrevistador com os entrevistados e por avaliar ser este procedimento a técnica em que os entrevistados se sentiriam mais confortáveis para fornecer informações relevantes a serem trianguladas com outras, obtidas a partir de diferentes técnicas para coletar os dados pretendidos.

O 2º momento (durante) ocorreu durante o período em que ocorriam as aulas do Pró-técnico e contou com a aplicação de questionários (Apêndice A), tendo em vista que eles trazem em si uma organização direcionada e “correspondem a uma lista ordenada de perguntas que são disponibilizadas para os informantes selecionados previamente” (MARTINS, 2008, p. 36). Os questionários foram aplicados a todos os estudantes do curso preparatório investigado. Os questionários aplicados contaram com questões fechadas e uma aberta em que o estudante poderia se manifestar com as suas próprias palavras naquilo que os interessasse. Assim sendo, foi escolhida a época do meio de outubro de 2016 para a aplicação do primeiro questionário (Apêndice A), para que fosse evitado o estresse de final de ano com provas escolares e proximidade da prova de seleção. Considerou-se, também, para a escolha desse período para a aplicação do questionário, a percepção de que os discentes já demonstravam estar plenamente adaptados à “nova realidade”, com o curso preparatório atrelado à sua rotina das aulas escolares regulares.

No 3º momento (depois) também se optou pela aplicação da técnica de questionário (Apêndice B). Assim sendo, foi devidamente elaborado outro questionário, rápido e de fácil resposta, tendo em vista os mesmos princípios metodológicos que inspiraram a escolha dessa técnica, anteriormente, para o 2º momento. O questionário (Apêndice B) também foi aplicado a todos os estudantes selecionados pelas provas de admissão e que começaram o curso técnico integrado neste *campus* pesquisado da rede federal. Tal questionário foi aplicado no mês de fevereiro de 2017, a fim de que ainda estivesse claro na mente do estudante os fatores/informações que, na opinião discente, resultaram na sua aprovação. A escolha deste período visou viabilizar, de forma vivaz e fidedigna, a coleta dos dados pretendidos; afinal, acredita-se que, escolher um período um pouco mais distante da euforia da aprovação, poderia comprometer a elaboração das causas que levaram o aluno à sua aprovação, seja por estar vivendo outro momento acadêmico, seja pelo esquecimento acerca das causas. Optou-se pela utilização de todos os estudantes tanto no 2º momento (80 estudantes), quanto no 3º momento (120 estudantes), perfazendo um total de 100% dos estudantes que estiveram envolvidos com o processo seletivo, levando-se em conta os que cursaram o Pró-técnico ou não. Essa condição de totalidade da população pesquisada garante uma amostragem mais confiável e, também, estatisticamente válida para os dados coletados.

Durante os “três momentos” estruturados para o desenvolvimento da pesquisa, contou-se também com a técnica de Observação Participante como fator alinhavante para se coletar e concatenar os dados, uma vez que a

observação participante é um método em que o pesquisador toma parte do cotidiano do grupo ou organização pesquisada, até desempenha tarefas regularmente, tudo com o intuito de entender em profundidade aquele ambiente, algo que a metodologia quantitativa não pode fazer (SANTOS, 2004, p. 3-4).

Isso levando em conta também que “a observação, ao mesmo tempo em que permite a coleta de dados de determinadas situações, envolve a percepção sensorial do observador. Distinguindo-se, enquanto prática científica, da observação da rotina diária” (MARTINS, 2008, p. 23-24) torna-se importante recurso de pesquisa, quando “o outro se transforma em uma convivência e a relação obriga que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura” e “a relação obriga que o pesquisador participe de sua história” (BRANDÃO, 1999, p. 12). As Observações Participantes obedeceram a um roteiro previamente estabelecido que orientou os registros, ressaltando-se que o trabalho programado se desenvolveu mediante interação e empatia com os estudantes, o que facilitou a captação dos dados.

Buscou-se, desta forma, a adoção de uma linha de pesquisa que viabilizasse um método adequado aos objetivos propostos, o que nem sempre se constitui numa tarefa fácil. No entanto, o método deve ser amplo e elaborado, no sentido de ser capaz, conforme já dito, de “articular fatores qualitativos e quantitativos, subjetivos e objetivos” e que “dependem da construção lógica que o pesquisador elabora, das condições materiais, sociais e históricas que propiciam ou permitem o trabalho de pesquisa” (SÁNCHEZ, 2007, p. 100).

Com esta configuração ajustada e mediante a epistemologia clarificada, empreendemos a pesquisa, cujos resultados passamos a discutir.

Resultados e discussões

Os resultados foram divididos em três partes, seguindo o método proposto no tópico anterior, a fim de se alcançar a maior completude possível para o fenômeno estudado. Dessa forma, conforme já dito, a pesquisa obedeceu a três momentos, ou seja, um momento anterior à implementação do curso preparatório para o ensino médio (Pró-técnico); um momento durante o funcionamento do curso e um terceiro momento, que ocorreu após o curso, já no ano seguinte, com os calouros da escola técnica federal dos cursos técnicos integrados. Dessa forma, estabelecemos três momentos de resultados a serem considerados.

1º Momento (antes)

Mediante entrevista com a coordenadora do curso e com a direção geral do *campus* pesquisado apurou-se que, em relação a implantação do curso cognominado Pró-técnico, as seguintes condições se sucederam.

Os servidores em educação do referido *campus* definiram a importância de se ofertar este curso preparatório por se tratar de uma região cujo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) era muito baixo e seguindo o exemplo de outros *campi* do Instituto Federal que já ofereciam o curso preparatório para os exames, com a finalidade de ingresso no ensino médio das escolas federais.

Aventou-se, portanto, a criação de um curso que teria por escopo uma revisão do ensino fundamental para preparar os estudantes/candidatos para a prova de seleção. Pelo fato de a região do *campus* pesquisado ser pobre e com índices educacionais deficitários, os alunos de escolas públicas poderiam ter dificuldades de

preparo e defasagens em relação aos demais estudantes que se submeteriam à prova.

Após discussões no campus sobre o projeto, foi feito um levantamento do perfil dos estudantes que seriam alvo do curso, ficando decidido que seriam os estudantes da Rede Pública da região de Ribeirão das Neves, com baixa renda familiar, a fim de dar melhores condições para que estes se fortalecessem academicamente e tivessem melhores chances na prova seletiva, bem como proporcionar um preparo efetivo para o ingresso na escola técnica federal em nível de ensino médio integrado.

Assim sendo, realocaram professores e chamaram outros de concursos públicos que estavam em espera para que se iniciassem o curso pretendido. Em reunião, os docentes e técnicos administrativos traçaram estratégias de divulgação e seleção que compreendiam visitas às turmas das escolas da rede pública da região e inscrições no *campus*, priorizando os estudantes mais pobres, que poderiam ter mais defasagens em sua formação acadêmica, bem como maiores dificuldades para pagar e frequentar um curso que os preparasse para a seleção na escola.

E assim foi planejado e executado, ou seja, ofertou-se um curso preparatório cujas aulas ocorreriam às segundas, terças e quartas feiras, das 13h 30m às 17 horas, com quatro aulas de 50 minutos e um intervalo de 20 minutos para lanche, após as duas primeiras aulas. As disciplinas lecionadas seriam de biologia, química, geografia, história, física, língua inglesa, língua portuguesa e matemática.

2º Momento (durante)

Conforme foi planejado, as aulas do curso preparatório se iniciaram em agosto e deveriam seguir até dezembro. Os alunos responderam prontamente ao chamado e formaram-se duas turmas com 40 alunos cada uma. Após cerca de 3 meses de aulas, foi aplicado a todos os estudantes das duas turmas um questionário de pesquisa (Apêndice A) que visava compreender melhor as condições impactantes do curso para os estudantes.

Os dados coletados foram transformados em percentuais a fim de melhorar a referência de análise, sendo que algumas porcentagens relativas à mesma pergunta podem ultrapassar o índice de 100%, tendo em vista que os estudantes optaram por marcar mais de uma resposta em algumas questões.

As respostas ao questionário registraram que 82% dos estudantes consideraram que o Pró-técnico ajudou no seu desempenho no 9º ano na escola regular e apenas 18% foi indiferente ou constatou que não houve diferença alguma (pergunta 1). Esse dado dá a entender que os estudantes perceberam uma melhora na sua realidade estudantil imediata, no que tange ao seu rendimento escolar, independente da avaliação seletiva que estava por vir. Tal informação, por si só, aponta um êxito importante para o curso proposto. Entretanto, percebeu-se que, diferentemente do objetivo principal do curso preparatório, acima de 20% dos inscritos tinham no curso um objetivo particular de melhorar o seu desempenho na escola regular que estavam frequentando o 9º ano. Constatado isso, na segunda pergunta, buscava-se a razão pela qual esses estudantes haviam se candidatado ao curso preparatório (pergunta 2). Os dados mostraram que 77% consideravam o “cursinho” importante tendo em vista o exame seletivo; 23% queria melhorar o rendimento na escola em

que estavam e cerca de 2% era obrigado pelos familiares a cursar o Pró-técnico. Esse dado revela que a escola ofertante do curso proporcionava aos estudantes, além de uma melhor condição para a prova seletiva, uma condição estudantil de frequentar uma atividade de reforço escolar que eles consideravam relevante ou que os auxiliava em seu sucesso na escola em que estavam matriculados no ensino fundamental, o que não era objetivo inicial do curso proposto, conforme já destacado.

Isso apurado, foi realizada a terceira pergunta, ou seja, entender como os discentes do curso se sentiam em relação à atividade preparatória que era frequentada por eles (pergunta 3). Os dados mostraram que 52% sentiam-se cansados e 11% muito cansados; 5% estavam desanimados, mas, em contrapartida, 20% se sentiam motivados e 11% sentiam-se bem em relação ao curso. Esse dado demonstra o que já se poderia deduzir, ao se acrescentar ao final do ensino fundamental mais um turno, ou seja, cerca de 2/3 dos estudantes sentiam-se cansados e cerca de 1/3 sentiam-se bem com o acréscimo das aulas. Esse dado nos remete a reflexões constantes acerca da melhor forma de distribuição da carga horária, a fim de minimizar o cansaço dos alunos. Muitos estudantes apresentaram, na pergunta aberta desse questionário, a solicitação de que os dias das aulas fossem mais espaçados, com um dia de descanso entre eles, ou seja, segunda, quarta e sexta e não de segunda a quarta, em sequência, como estava ocorrendo. Solicitaram, também, um tempo maior de intervalo para o lanche.

A quarta pergunta pretendia investigar como os estudantes entendiam os conteúdos (pergunta 4), a fim de verificar se o aproveitamento nas aulas, percebido por eles próprios, era bom. Nesse quesito, houve uma divisão quase que igualitária, ou seja, 52% consideraram o seu entendimento nas aulas muito bom, enquanto 46% afirmavam entender pouco; 6% afirmaram ter muita dificuldade, sendo que cerca de 2% declarou nada entender. Tal dado coletado pode se relacionar com os estudantes que foram aprovados e constam dos dados coletados no questionário 2, aplicado no 3º momento. No questionário 2, apurou-se que 34 estudantes (43%) do curso Pró-técnico foi aprovado no exame seletivo, considerando também chamadas posteriores. Seriam esses aprovados os que se sentiam bem em relação ao curso? Como os questionários são sem identificação, esta condição deverá ser investigada em uma pesquisa futura. No entanto, observa-se que pode ser significativo identificar os estudantes que não se sentem “confortáveis” em relação ao curso e propor ações de integração que os levem a um melhor aproveitamento e envolvimento, o que certamente trará uma condição de maior satisfação, podendo refletir-se em uma condição mais propícia à aprendizagem e ao bom desempenho. Entretanto, é importante não desconsiderarmos que o estudante, mesmo reprovado no processo seletivo, pode ter tido um ganho ao sentir o seu rendimento escolar do 9º ano melhorado, conforme apurado na pergunta 1.

Com a pergunta 5, pretendia-se perceber o impacto do acréscimo desse curso na vida dos estudantes, tendo em vista que eles não haviam planejado isso anteriormente. Novamente temos um empate, ou seja, 23% acham o tempo que possuem suficiente para realizar todas as suas atividades, enquanto outros 23% pensam que o tempo de que dispõem é insuficiente. No entanto, cerca de 34% sentem dificuldade na organização e distribuição do tempo que possuem e 25% sentem falta de mais tempo para fazer outras atividades que acham importantes.

Essa condição sugere a necessidade de uma organização do curso que, além das disciplinas, ensine e ajude os discentes a planejar o seu tempo, buscando otimizar as atividades, inclusive as de lazer. Tal procedimento, pode melhorar também o desempenho investigado na pergunta 9, que questiona as horas de estudo em casa, durante pelo menos 3 dias, considerando os dias que não possuem aulas do curso preparatório. Os dados demonstraram que 23% estuda por apenas 30 minutos; 28% por 1 hora; 18%, 1,5 hora; 9% ,2 horas; 5%, 2,5 horas; 6%, por 3 horas e 11%, por mais de 3,5 horas. Uma ajuda na otimização e organização do tempo pode diminuir os extremos no sentido de que estudem mais do que 30 minutos semanais em casa, com qualidade, inclusive aproveitando-se de técnicas de estudo.

No que tange aos professores (pergunta 7), 55% responderam que os professores do curso complementam o que é dado na escola regular que frequentam, 12% se sentem confusos em relação às explicações dos professores da escola do 9º ano, quando comparadas às explicações dos professores do Pró-técnico; 11% afirmam não haver harmonia entre o que é ministrado pelos docentes das duas escolas, parecendo estarem em “dois mundos diferentes”; 6% pensam que ambos os grupos docentes são confusos em relação às disciplinas ensinadas e 5% pensam que a explicação é melhor fornecida na escola do 9º ano do que no Pró-técnico. Tais dados sugerem que haja algum tipo de mediação, a fim de aproximar as ações docentes, tanto da escola regular, quanto do curso preparatório, tendo em vista que ambos possuem em comum a própria essência dos conteúdos que ministram como interseção. É preciso que as estratégias utilizadas no curso Pró-técnico visem complementar a metodologia usada na escola regular, que deve ser pesquisada e conhecida em sua forma de operação, para que não seja desconsiderada nas aulas do curso preparatório.

Por fim, os dados obtidos com a pergunta 8, mostram que 42% dos estudantes se sentiam muito confiantes para serem aprovados na prova seletiva do ensino médio, enquanto 52% não se sentiam confiantes. 8% acreditavam que a aprovação dependia de sorte e cerca de 5% se sentiam um pouco desmotivados ou sabendo que não iriam passar. Esse resultado sugere, também, uma intervenção no sentido de buscar estratégias que deem aos estudantes a motivação necessária, que possa refletir em uma preparação mais efetiva, impactando o resultado no processo seletivo. Soma-se a isso que 89% dos estudantes acreditam que o Pró-técnico ajudou na sua formação (pergunta 11), o que é um resultado altamente positivo e corroborado pelo apurado na pergunta 10 cujos dados mostram que 97% dos alunos se matriculariam outra vez, caso pudessem optar por novamente fazer o curso Pró-técnico. Percebe-se, com esses resultados, que o curso tem uma alta aprovação entre os estudantes, apesar das dificuldades apresentadas e apontadas nesta pesquisa. Observa-se, também, coerência entre as respostas apresentadas nas questões 10 e 11 do questionário e a pergunta 6, em que 88% considera que o Pró-técnico foi uma boa iniciativa do Instituto Federal.

Algumas afirmações relativas à escrita aberta no questionário também se destacaram como “Quero ter mais aulas de Física, porquê somente aqui que eu conheci e preciso saber muito mais sobre Física”, ou “Amo o projeto e valorizo muito todos os professores”.

Muitos pediram, em consonância com as respostas transcritas acima, que “Gostaria de ter mais aulas de Química, Física, Inglês e Biologia, para aprender mais”. Outros pediram mais aulas de Educação Física e atividades fora de sala, o que demonstra que não perceberam claramente o objetivo inerente de aprovação no processo seletivo, tendo em vista que a Educação Física não é uma disciplina que integra a prova seletiva.

Alguns depoimentos solicitaram mais tempo nos intervalos de aula, conforme já dito, o que pode sugerir uma distribuição diferente do tempo do turno como um todo, para o curso em questão.

3º Momento (depois)

Após a seleção para o curso, foi aplicado outro questionário (Apêndice B) aos estudantes aprovados, no sentido de entender a configuração e os fatores que levaram esses estudantes ao sucesso no processo seletivo. O referido questionário foi aplicado a todos os estudantes que ingressaram no curso técnico integrado do *campus* pesquisado do Instituto Federal.

Apurou-se que 78% dos ingressantes eram oriundos de escolas públicas e 22% de escolas privadas (pergunta 3). Em relação aos ingressantes, os dados revelaram que 63% não fizeram nenhum tipo de cursinho preparatório, 28% fizeram cursinhos particulares, 29% cursaram o Pró-técnico e 2% outros tipos de cursinhos públicos (pergunta 4). Tal fato revela que a maioria dos estudantes não se submeteu a cursos preparatórios. Esse fato permite a inferência de que, possivelmente, a maioria dos aprovados já possuíam hábitos de estudo ao longo de todo o ensino fundamental, o que contradiz a pesquisa de Whitaker para o ensino médio (1989), quanto ao ingresso na graduação, ao lançar o termo “efeito cursinho”, ou seja, a de que a maioria dos estudantes tinha de realizar um ou dois anos de curso preparatório antes de ingressar na universidade via vestibular. Para o ingresso nas escolas técnicas federais em nível médio, a maioria dos estudantes foi aprovada sem nenhum tipo de espera preparatória. No que tange aos aprovados que frequentaram “cursinhos”, os dados mostram que o curso Pró-técnico “empatou” com os estudantes ingressantes de cursinhos particulares o que pode sugerir que sem o Pró-técnico os estudantes de cursinhos particulares teriam maior aprovação. Assim sendo, estudantes que frequentaram o curso Pró-técnico podem, efetivamente, ter tipo chances mais reais de disputar as vagas com outros estudantes que tiveram condições financeiras para pagar um curso preparatório particular, o que contribui para uma maior igualdade social. Ao se categorizar e apurar as respostas da pergunta 5, percebeu-se que 34% dos estudantes atribuíram o seu sucesso no exame de seleção a um esforço próprio e 28% ao apoio da família, sendo que poucos (1%), atribuíram a sua aprovação ao que foi vivenciado nos cursinhos, o que sugere um trabalho de valorização também do curso preparatório caso se queira ter o reconhecimento dos estudantes e contar com eles na divulgação do curso. 5% atribuíram a sua aprovação a fatores religiosos e 3% à sorte.

É possível validar, por analogia, a pesquisa de Whitaker (2010) para este trabalho, mesmo em se tratando de uma análise para vestibulares, o que difere um pouco do caso investigado neste artigo. Na pesquisa de Whitaker (2010), chegou-se à

conclusão de que as práticas afirmativas, para serem eficientes, precisam se apropriar de orientação profissional e educacional em dois níveis, ou seja

- (1) No primeiro deles uma orientação coletiva que auxilie o professor e os alunos a compreenderem que a função do cursinho não é apenas preparar para o vestibular, mas fazer a crítica das barreiras que os alunos ali presentes já conseguiram superar (o que lhes garantiria melhora considerável na autoestima);
- (2) No segundo nível, introduzir novos conteúdos mostrando que se o aluno não chegar a universidade, o que importa é a sua formação, que pode possibilitar-lhe outros caminhos para a profissionalização (a realização do sonho se tornando até possível, alguns anos mais tarde) (WHITAKER, 2010, p. 295).

Acerca dos fatores mais importantes para a aprovação do **estudante (pergunta 5)**, ocorreram algumas exceções nas respostas como “Dedicação e a cota”, ou “Minha antiga escola que era muito boa e também estudei bastante em casa”. No entanto, existiam algumas respostas abertas com muitos agradecimentos aos “cursinhos” de uma forma geral, tanto o Pró-técnico quanto outros, e à influência determinante da família.

Essa parte da pesquisa nos permite, ao analisar as categorias apresentadas nas respostas, o delineamento de um perfil dos aprovados que eram, em sua maioria, alunos ajustados em suas escolas anteriores, seguidos daqueles que fizeram cursos preparatórios, sendo a grande maioria de escolas públicas. Destacou-se, também, neste perfil evidenciado com a pesquisa, a importância do apoio familiar no processo, fato já conhecido e consolidado no meio educacional e apontado em várias pesquisas em relação à importância da participação da família para um bom rendimento escolar. Destaca-se, ainda, a faixa etária dos aprovados (pergunta 1), em que 54% possuíam 15 anos; 29%, 14 anos e apenas 9% tinham a idade de 16 anos, o que demonstra que os ingressantes são de idade regular para o ensino médio, sendo composta mormente de estudantes de apenas 14 anos.

No depoimento de uma aluna, ela apresentou em resposta única, de forma sintética, muitos fatores observados coletivamente na pesquisa pós-aprovação, 3º momento (depois), ao escrever

Vou ser sincera, eu não consegui estudar para o vestibular porque estava sendo muito corrido na outra escola, e não consegui... Mas o fator principal foi que eu me esforcei e dediquei todos os anos da escola fundamental e o meu primeiro ano que fiz na outra escola foi fundamental para minha aprovação. E também sempre sonhei em estudar em uma instituição federal! Digo que foi minha fé e a minha força de vontade que me fez ser aprovada! E graças a Deus consegui!

Nota-se, na primeira linha da resposta, que a entrevistada considerou a sua seleção para o ensino médio como um vestibular, o que demonstra similaridades nas representações mentais dos envolvidos que consideram precocemente o exame em nível médio como um vestibular de graduação.

Verifica-se que existe um conjunto de fatores que deve ser observado para se alcançar o êxito nesse tipo de seleção, envolvendo a família, a formação, a dedicação, a vontade ser aprovado. Mas os estudantes que não possuem esse aporte precisam ser identificados e alvo de um trabalho específico para fins de aprovação. Para isto, *mister* se faz que nesse projeto estejam integrados os

servidores do Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) dos Institutos Federais, que podem ofertar, simultaneamente ao desenrolar do curso, apoio psicológico e pedagógico que poderá identificar e compensar as deficiências provindas de uma profunda exclusão presente nas classes sociais menos abastadas e mais desprovidas de oportunidades. Isso para que se possa, efetivamente, pleitear uma igualdade maior de oportunidades.

Tornar os cursinhos menos conteudistas e mais reflexivos, introduzindo um lado mais crítico, segundo Whitaker (2010), é uma medida importante para favorecer a autoestima dos alunos e o capital cultural dos estudantes. Para isso, a autora defende cursinhos com tempos maiores de execução, uma vez que os jovens mais abastados já necessitam de dois ou mais anos para ingressar na graduação. A referida autora também afirma que “Políticas Públicas de ação afirmativa requerem tempo” (WHITAKER, 2010, p. 296) e solicita uma seleção com base apenas socioeconômica para cursinhos populares, pois as classes de ações afirmativas são mormente as classes mais carentes e excluídas do sistema que os levou a essas carências. Em relação a essa afirmação, percebemos que a forma de seleção do curso Pró-técnico, ao usar efetivamente o nível socioeconômico agregado à exigência de os estudantes serem oriundos da escola pública, conforme apurado no 1º momento (antes), está perfeitamente amparada por outras pesquisas.

Destaca-se o dado apurado no 2º momento (durante), em que 89% dos estudantes consideram que, independente do resultado seletivo, sentiam que o curso Pró-técnico os havia ajudado em sua formação, o que coloca esta ação em concordância com o afirmado por Whitaker (2010) no que tange ao viés mais formativo do curso, independente da competição instaurada, que não pode ser nunca a única lógica da educação.

Outras discussões

Ao se verificar a prova que foi aplicada para o ingresso no curso técnico e tomando-se por base as questões de Biologia, percebeu-se que o universo acadêmico de estudo das Ciências Biológicas é muito amplo. No entanto, na prova para ingresso no IFMG os estudantes precisavam responder a apenas 3 questões de biologia de cunho relativamente simples. Dessa forma, grandes áreas das Ciências Biológicas, como a zoologia, a botânica e a genética, que demandaram muito tempo escolar para que fossem assimiladas, simplesmente não se objetivaram na prova. Essa constatação sugere a necessidade de alterações nas regras do processo seletivo, mas isso não será debatido aqui por não ser este o objetivo do trabalho.

Entretanto, considerando-se a realidade posta, tem-se que as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, cujas questões no processo seletivo correspondiam a mais do dobro das questões de outras disciplinas, possuíam o mesmo número de aulas no curso preparatório. Portanto, no Pró-técnico, tanto as disciplinas que contavam com apenas três questões na prova, como biologia, química, física, língua inglesa, história e geografia, quanto as disciplinas de Matemática e Língua Portuguesa, que possuem pelo menos oito questões na prova seletiva, contavam com o mesmo tempo escolar.

Tal constatação suscita a possibilidade de que o Pró-técnico tenha a sua carga horária ajustada no sentido de priorizar as disciplinas que valem mais na prova de admissão ao curso técnico integrado, caso se tenha em vista apenas o objetivo de aprovação. Isso porque os estudantes se viam às voltas com um volume muito grande de conteúdos, como nas disciplinas de Biologia e Geografia, por exemplo, e sentiam-se fatigados. Essa condição, ao invés de melhorar o rendimento escolar, pode comprometê-lo, tanto na escola regular, como no teste de seleção a que o aluno será submetido. Mesmo porque, o “cansaço” também pode comprometer a sua capacidade de retenção e interpretação em pontos específicos dos conteúdos de Matemática e Língua Portuguesa, que correspondem a uma porcentagem maior de pontuação na prova de seleção.

Sugere-se, ainda, que as disciplinas das áreas de biologia, geografia, física, química e história, tenham uma metodologia diferenciada no sentido de aprimorar a lógica nesses conteúdos, para que se “acople” o conhecimento adquirido no Pró-técnico ao conteúdo já visto na escola regular. Dessa forma, pode se justificar a organização de um sistema diagnóstico eficiente para apurar o que foi visto como conteúdo na escola regular, que permita essa integração (escola regular/Pró-técnico), evidenciada como uma necessidade, mediante os dados coletados na pesquisa. Nesse sentido, seria possível selecionar melhor os conteúdos a serem vistos pela primeira vez e aqueles que podem ser pontuados apenas, ou ampliados. Essa condição pode “dar fôlego” para que haja uma maior fixação e aumento de *performance* em conteúdos que estão mais centralizados nos testes, como Língua Portuguesa e Matemática.

Conclusão

Conclui-se que o curso Pró-técnico pode ter tirado vagas dos cursinhos da Rede Particular dando mais chances de aprovação a alunos de maior carência social.

Percebeu-se, também, que o Pró-técnico ajudou no desempenho dos alunos no 9º ano em suas escolas regulares, apesar de muitos reclamarem de cansaço e sugerirem uma configuração com aulas em dias mais espaçados e mais tempo no intervalo, o que deve ser implementado, a fim de se aliviar o asseio dos estudantes. Verificou-se a necessidade de atividades que reforcem a motivação para a aprovação e ajudem os estudantes a organizarem o seu tempo de vida escolar e de estudo, além de uma aproximação maior com a escola regular desses alunos.

É necessária a organização de algum tipo de mediação, a fim de aproximar as ações docentes, diminuindo o hiato que pode existir entre a escola regular e o curso preparatório, tendo em vista que ambos possuem em comum a própria essência dos conteúdos que ministram como interseção. É preciso que as estratégias utilizadas no curso Pró-técnico visem complementar a metodologia usada na escola regular, que deve ser pesquisada e conhecida em sua forma de operação, para que não seja desconsiderada nas aulas do curso preparatório.

Por fim, é importante destacar que averiguou-se a necessidade de se discutir mais profundamente a organização dos tempos escolares e das disciplinas, dando mais tempo para as aulas de Matemática e Língua Portuguesa, considerando efetivamente o escopo da prova seletiva. Também há a necessidade de um trabalho

efetivo de pedagogos e psicólogos que deem suporte aos estudantes submetidos aos conflitos dessa complexa etapa estudantil e que dentre outros objetivos possam dar também suporte ao curso, a fim de que este trabalho dê ao curso preparatório uma identidade para além do processo seletivo e não se perca de vista em tempo algum a riqueza desse momento formativo para os estudantes.

Referências

BRANDÃO, C. R. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

COUTINHO, E. H. L.; MELO, F. L. B. Inovações socioeducacionais e os processos seletivos dos cursos técnicos da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. **Educação & Tecnologia**, Minas Gerais, v. 15, n. 3, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERREIRA, E. F.; SANTOS, G.R. A assistência estudantil na educação profissional uma análise histórica do IFRN. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais eletrônicos...** Natal: CONEDU, 2016. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_M D1_SA1_ID5552_15082016205417.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2016.

GÓMEZ, G. R.; FLORES, J. G.; JIMÉNEZ, E. G. **Metodología de la investigación cualitativa**. Espanha: Algibe, 1996.

MARTINS, G. A. **Estudo de Caso: uma estratégia de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

SACRISTÁN, J. G.; GOMÉZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SÁNCHEZ G. **Pesquisa educacional: quantidade qualidade**. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, M. E. Da observação participante à pesquisa-ação: uma comparação epistemológica para estudos em administração. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM ADMINISTRAÇÃO DA FACEF, 5., 2004, Franca. **Anais eletrônicos...** Franca: FACEF, 2004. Disponível em: <http://www.angelfire.com/ms/tecnologia/pessoal/facef_pesq.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SOARES, D. H. P.; KRAWULSKI, E.; DIAS M. S. L.; D'AVILA G. T. Orientação profissional em contexto coletivo: uma experiência em pré-vestibular popular. **Psicologia: ciência e profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 746-759, 2007.

VILELA, N. G. S.; ROSSI, Z. T. T. Análise da relação entre atitudes e desempenho quanto à matemática em alunos do cursinho Pré-IFMG. **ForScience**, Minas Gerais, v. 4, n. 2, 2016.

WHITAKER, D. C. A. Da "invenção" do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 289-297, dez. 2010 . Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902010000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 jan. 2017.

WHITAKER, D. C. A.; ONOFRE, S. A. Representações sociais em formação sobre os vestibulares dos estudantes de um cursinho comunitário na zona rural. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 45-55, 2006.

APÊNDICE A - Questionário 1 aplicado no 2º momento (durante) em meados de outubro de 2016

1) Você considera que o curso Pró-técnico ajudou o seu desempenho no 9º ano a escola?

- a) Sim
- b) Não
- c) Foi indiferente
- d) Atrapalhou
- e) Não fez diferença alguma

2) Você frequenta o Pró-técnico porque:

- a) Sei da sua importância
- b) Sou obrigado pelos meus familiares
- c) Não sei ao certo
- d) Pode melhorar o meu desempenho na escola.
- e) Revejo os meus colegas da escola e faço novos colegas em um ambiente “diferente”

3) Ao cursar o Pró-técnico me sinto:

- a) Bem
- b) Meio cansado
- c) Muito cansado
- d) Motivado
- e) Desanimado

4) Você considera que o seu entendimento nas aulas do Pró-técnico é:

- a) Muito bom
- b) Não entendo nada
- c) Entendo pouco
- d) Tenho muita dificuldade
- e) Não gosto de estudar à tarde

5) Em relação ao meu tempo, considero que ele é, de uma maneira geral:

- a) Insuficiente para todas as coisas que tenho de realizar.
- b) Suficiente para todas as coisas que tenho de realizar.
- c) Atrapalha demais o meu lazer e sinto falta disso.
- d) Sinto-me confuso na distribuição do tempo e frequentemente me embaraço com o prazo para as atividades.
- e) Sinto necessidade demais tempo para outras atividades que considero importantes também.

6) Penso que o Pró-técnico:

- a) Foi uma boa iniciativa.
- b) No início estava bom, mas depois me arrependi de estar cursando.
- c) No início estava ruim, mas depois me gostei de estar cursando.
- d) Foi uma má ideia cursar estas aulas.
- e) Não ajudou nem atrapalhou em nada.

7) Em relação aos professores como um todo, percebo que:

- a) Os professores do Pró-técnico ao abordarem a matéria complementam o que os professores da escola falam.
- b) Os professores do Pró-técnico e da escola não se “harmonizam” em relação as disciplinas (parecem dois mundos diferentes).
- c) Os da minha escola explicam melhor a matéria e os professores do Pró-técnico me deixam confuso em relação às disciplinas ensinadas.
- d) Os do Pró-técnico explicam melhor a matéria e os professores da minha escola me deixam confuso em relação às disciplinas ensinadas.
- e) Acho que os professores tanto do Pró-técnico, quanto da minha escola são muito confusos em relação às disciplinas ensinadas.

8) Em relação ao meu desempenho na prova para o ingresso no Ensino Médio do *campus* Ribeirão das Neves do IFMG, me sinto:

- a) Muito confiante.
- b) Pouco confiante.
- c) Desmotivado.
- d) Sei que não vou passar.
- e) Depende muito mais de sorte do que tudo.

9) Em relação ao número de horas de estudo por semana em casa, em pelo menos dias da semana, estudo:

- a) 30 minutos
- b) 1 hora
- c) 1 hora e meia
- d) 2 horas
- e) 2 horas e meia
- f) 3 horas
- g) mais de 3 horas

10) Se você pudesse voltar no tempo e decidir agora em relação ao Pró-técnico, você:

- a) Se matricularia novamente
- b) Não me matricularia

11) Você acredita que o Pró-técnico:

- a) Ajudou na sua formação
- b) Atrapalhou na sua formação
- c) Não fez diferença alguma

12) Tem alguma crítica ou sugestão que gostaria de escrever sobre o Pró-técnico (pode escrever o que quiser).

- 1) Nome
- 2) Idade
- 3) Escola Anterior – onde cursou o nono ano da educação fundamental
 () pública () particular
- 4) Fez cursinho?
 () Pró-técnico
 () Outro curso preparatório público
 () Curso preparatório particular
 () Não fez curso preparatório
- 5) Qual o fator mais importante para a sua aprovação?

